

## XI ENCONTRO NACIONAL DE RISCOS: INCÊNDIOS EM ESTRUTURAS. APRENDER COM O PASSADO

Carla Boto Pereira

Regimento de Sapadores Bombeiros, Câmara Municipal de Lisboa (Portugal)  
[ct.pereira38@gmail.com](mailto:ct.pereira38@gmail.com)

137

No passado dia 25 de outubro realizou-se no Fórum Picoas | Altice, em Lisboa, o XI Encontro Nacional de Riscos subordinado ao tema: "*Incêndios em Estruturas. Aprender com o Passado*" (fig. 1).

O referido Encontro foi composto por dois painéis, o primeiro dos quais decorreu no período da manhã, tendo sido alusivo ao tema: *Grandes Incêndios em Estruturas*, com moderação da autora desta notícia (fot. 1).

Este primeiro painel contou com apresentações de:

1. Vítor Primo | Comandante dos Bombeiros Sapadores e Proteção Civil de Vila Nova de Gaia, sobre: *Incêndios em estruturas. Lições aprendidas*;
2. Miguel Gil | Técnico superior e coordenador do Museu do Regimento de Sapadores Bombeiros, com a apresentação de um incêndio altamente emblemático: *O incêndio da rua da Magdalena em 1907. Retrospetiva a grandes incêndios em estruturas na cidade de Lisboa*;
3. Júlia Alves | Coordenadora do Gabinete de Segurança, Saúde e Sustentabilidade da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com a apresentação: *40 anos após o incêndio da Politécnica. Renascer das cinzas*.
4. Carlos Ferreira de Castro | Responsável pela Unidade de Proteção e Segurança da Action Modulers, com a apresentação: *Segurança contra incêndios em estruturas. Facilidades para a prestação do socorro*.



Fig. 1 - Portada de la tesis de Rocío Blas Morato.

Fig. 1 - Cover of the thesis of Rocío Blas Morato.

O segundo painel, moderado pelo Professor Doutor Betâmio de Almeida, decorreu durante a tarde e foi dedicado ao *Incêndio do Chiado 30 anos depois. Aprender com o passado* (fot. 2).



Fot. 1 - Pormenor da mesa do Painel 1.

Photo 1 - Detail of the Panel 1.



Fot. 2 - Aspeto da mesa do Painel 2.

Photo 2 - Appearance of the Panel 2.

No âmbito deste painel, assistimos às apresentações de:

1. Carlos Silva e Pedro Pedro, Subchefes de 1ª classe do Regimento de Sapadores Bombeiros, com a apresentação: *30 anos volvidos sobre o incêndio do Chiado. Que lições a retirar?*
2. Pedro Patrício | Comandante do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa e Alberto Militão, Chefe Principal (Aposentado) do RSB, com a apresentação: *E se o chiado fosse hoje? Estaremos agora melhor preparados?*
3. Ana Teresa Peixinho | Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o tema: *O incêndio do chiado nos jornais: a narrativa de uma catástrofe;*
4. E por último, Eduardo Brito Henriques, Professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, com: *A reabilitação urbana do Chiado e a transformação do centro histórico de Lisboa.*

Este Encontro (fot.s 3 a 6), teve como objetivos visitar o passado, no caso em concreto dos incêndios em estruturas, ou seja, de incêndios urbanos que, pela sua natureza, marcaram a paisagem arquitectónica e a vida social, política e cultural das diferentes épocas em que ocorreram, bem como refletir conjuntamente numa perspetiva multidisciplinar sobre os ensinamentos, as lições e as experiências que daqui se podem retirar.

Aprender com o passado é saber viver o presente e olhar o futuro numa perspetiva construtiva de querer fazer mais e melhor. É ter a capacidade de perceber o que de bem fizemos à época dos incêndios e o que de menos bom ocorreu.

Das comunicações apresentadas no âmbito dos Incêndios em estruturas, aprender com o passado, foi possível retirar as seguintes conclusões:

1. Os grandes incêndios são sempre eventos catastróficos, quer pela perda de bens, de património, de histórias e memórias, quer, principalmente, pela perda de vidas, com todo um impacto no contexto social, económico, cultural e político da época em que ocorrem.
2. Este Encontro dedicou-se essencialmente aos incêndios na malha urbana, tentando analisar com maior profundidade os grandes incêndios ocorridos em Lisboa e Porto nos últimos 200 anos. O incêndio no teatro de Baquet; o incêndio na Rua da Magdalena; o incêndio da Faculdade de Ciências na Rua da Escola Politécnica; o incêndio do Chiado; o incêndio na fábrica de estatuetas Marfitini e, mais recentemente o incêndio da loja Conforama.
3. Portugal tem, infelizmente, um longo historial de incêndios que fazem parte da memória coletiva. Muitos órgãos de comunicação social fazem extensas coberturas mediáticas destas ocorrências, não deixando que elas caiam no esquecimento. O incêndio do Chiado enquanto narrativa jornalística alimentou a necessidade de aprender com o passado e não deixou cair em esquecimento, nos indivíduos e no coletivo, a sua imagem dantesca, em virtude da forma como foi captado pelos media, como eles construíram a peça e a forma como a divulgaram.
4. Se é de facto importante recordar estes eventos, talvez o mais importante seja a sua análise para dela retirar lições e ilações que possam não só diminuir o número de futuras ocorrências, mas principalmente minimizar o seu impacto.

5. Numa imediata e breve análise holística aos incêndios em estruturas apresentados no XI Encontro, é consensual a identificação de denominadores comuns potenciadores destes eventos, alguns dos quais são: a falta de medidas de proteção e a dificuldade de acesso aos locais (espaço urbano).
6. Ao longo das várias apresentações no Encontro em causa ficou patente a necessidade imperiosa da existência de medidas de segurança contra incêndios nos vários edifícios. Esta preocupação deve estar patente na concepção do edifício e ser monitorizada durante sua construção e respetiva utilização.  
  
A Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa é um excelente exemplo desta preocupação. Renasceu das cinzas. A tragédia constituiu-se como um fator de recuperação, reconstrução e superação e, por isso, hoje prima por uma cultura de segurança.
7. No que respeita aos edifícios já construídos, podem ser feitas adaptações que permitam melhorar as medidas de segurança em estruturas e também facilitar a intervenção dos meios de combate a incêndios. Importa, porém, conhecer a tipologia construtiva do edificado, a sua zona de implementação e as vias circundantes para chegada ao local, a fim de otimizar os recursos humanos e logísticos de combate a incêndios. Impera cada vez mais a necessidade de se desenvolverem os conhecidos e várias vezes abordados: Planos Prévios de Intervenção (PPI).
8. Foi claramente referido que atualmente o conhecimento (know-how) sobre a deflagração e a propagação de um incêndio, bem como sobre a forma da sua contenção e combate é muito grande. Mas,

esse conhecimento deve ser não só partilhado, mas também, objeto de contínua atualização e análise, com rigor científico, para que possa ser útil a um universo cada vez maior de intervenientes no âmbito da proteção civil.

9. Este conhecimento é, ainda, fundamental para fazer face às exigências da evolução tecnológica (meios e equipamentos de socorro), às necessidades das populações e ao seu evolutivo grau de informação.
10. Impera a definição de uma doutrina, para que todos os corpos de bombeiros intervenientes, num qualquer teatro de operações, possam ter uma linguagem comum, um léxico comum e uma padronização de procedimentos, para uma eficaz coordenação e gestão das operações.
11. No que concerne a instrumentos que permitam a melhoria contínua de uma intervenção, foi referida a necessidade de desenvolvimento ou construção de matrizes transversais aos corpos de bombeiros, que garantam o registo de informações sobre o combate a incêndios e delas se possa retirar mais do que simples evidências e prospetivar melhores intervenções e melhores resultados.
12. O sucesso do combate a incêndios reside, assim, no conhecimento partilhado, aliado à distribuição da informação e à experiência do terreno, numa visão trans-multi-inter-pluridisciplinar. Contudo, impera também uma relação das instituições públicas, com responsabilidade em matéria de combate a incêndios, com as academias, observatórios e centros de investigação numa tetralogia funcional em prol de uma racionalização de meios e de uma intervenção otimizada.



Fot. 3 - Vista geral dos participantes no Encontro.

Photo 3 - General view of participants in the Meeting.

13. O conhecimento, a informação, a experiência das formas de combate, a saúde, a condição física, a aptidão para a função dos vários intervenientes no teatro de operações, os meios e equipamentos, são hoje substancialmente superiores ao verificado nos incêndios do século XX, constituindo-se como um imperativo nas estratégias das instituições detentoras de corpos de bombeiros.
14. Os simulacros e as visitas técnicas são uma outra constante no âmbito do treino operacional dos corpos de bombeiros, tendo em vista a ótima preparação para resposta a ocorrências, se e quando elas acontecerem. A formação e o treino sistemáticos contribuem de forma decisiva para a qualificação da bombeiro e eficácia da ação em situação de ocorrência.
15. Prevenção, meios e equipamentos, ajustados à realidade dos fenómenos de incêndio em estruturas, aliados a formação, doutrina, informação e entrosamento das organizações, numa lógica de stakeholders da proteção civil, constituem o garante de uma resposta em tempo útil aos incêndios de Lisboa.

### Lição aprendida

Se hoje estamos melhores preparados, o amanhã é a certeza de que o conhecimento não se esgota no aqui e agora, nem nestas lições aprendidas no XI Encontro Nacional RISCOS. Mas algo é certo: o fenómeno dos incêndios dos Chiados de Lisboa e do País terão sempre o mesmo impacto na vida quotidiana de todos nós, através das narrativas jornalísticas... e da globalização da informação pelas redes sociais.



Fot. 4 - O Presidente da RISCOS com os Representantes da CML.  
*Photo 4 - RISCOS President with the CML Representatives.*



Fot. 5 - Aspectos da sessão de posters.  
*Photo 5 - Aspects of the Poster session.*



Fot. 6 - Pormenor da mesa de encerramento.  
*Photo 6 - Detail of the closing table.*